



AVERSÃO AOS QUE SÃO “DIFERENTES”, BARREIRA A SER TRANSPOSTA: RELATO DE UM JUDEU NO NORTE DE MATO GROSSO

Maria José Basso Marques¹ (PPGLETRAS/UNEMAT)
marialider@gmail.com

Romeu Donatti² (PPGLETRAS/UNEMAT)
romeudonatti@msn.com

RESUMO: Este artigo tem por objetivo demonstrar como a questão do antissemitismo ainda é forte, presente e cruel na atualidade. Visto que tal assunto ainda se mantém com raízes bem profundas em nossa sociedade, buscamos compreender como foi constituída a concepção do antissemitismo, passando pela construção de um panorama histórico acerca do tema e chegando até ao relato de um morador judeu em uma comunidade no norte de Mato Grosso. Para este empreendimento foi utilizada a metodologia da História Oral que encontra em José Carlos Sebe Bom Meihy (2002, 2006) um de seus maiores expoentes, para o fortalecimento dos pressupostos teóricos, Zygmunt Bauman (2005), Clemildo Anacleto da Silva (2007) e Michel Wieviorka (2014) foram os principais referenciais.

PALAVRAS-CHAVE: Antissemitismo. Preconceito Religioso. Judaísmo. Identidade.

ABSTRACT: This article has the aim to show how the theme of antisemitism is still strong, present and cruel nowadays. Since that, this subject still has very deep roots in our society, we will try to understand how the conception of antisemitism was shaped, going through the construction of a historical overview about the theme and getting to the report of a jewish resident in a community in the north of Mato Grosso. For this purpose it will be used the oral history methodology that finds in José Carlos Sebe Bom Meihy one of its greatest exponents and for the theoretical assumptions strengthening Zygmunt Bauman, Clemildo Anacleto da Silva and Michel Wieviorka will be the main references.

KEY-WORDS: Antisemitism. Religious Prejudice. Judaism. Identity.

Introdução

Ao pensarmos nos dias atuais, percebermos e analisarmos o enorme mundo que se apresenta a nossa volta, podemos constatar uma gama imensa de benefícios adquiridos, gratuitamente, pelas mãos de Deus, e outros tantos, através da inquietude,

¹ Professora da rede pública estadual, Mestranda do PPGLeTRAS da UNEMAT/Sinop e Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Colíder, Especialista em Língua Portuguesa e Literatura também pelo Campus Universitário de Colíder. E-mail: marialider@gmail.com

² Professor da rede pública estadual, Mestrando do PPGLeTRAS da UNEMAT/Sinop e Graduado em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT/Sinop-MT, Especialista em Língua Inglesa pela UNEMAT/Sinop-MT. E-mail: romeudonatti@msn.com

curiosidade, inteligência e ambição humanas.

Desde a criação do homem, importantes descobertas, invenções e reinvenções possibilitaram a configuração do mundo como ele se apresenta hoje. Dentre diversos aspectos positivos, se compararmos, a grosso modo, presente e passado, podemos citar o avanço tecnológico, a cura para muitas doenças e uma situação de bem-estar e conforto inimagináveis há alguns pares de anos.

Entretanto, paradoxalmente a todos esses ganhos e conquistas, o desenvolvimento arquitetado pelo ser humano tem propiciado o surgimento de diversos problemas sociais e contribuído negativamente para o aumento da intolerância religiosa, do desrespeito, do preconceito e fragilizado a construção das relações humanas de alteridade. Nesse sentido, Bauman vê a globalização como uma das grandes responsáveis por esse mundo caótico, que se desenha a nossa frente:

A globalização é uma grande transformação que afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida cotidiana e as relações entre o eu e o outro. (BAUMAN, 2004, p.11).

Na sociedade dos séculos XX e XXI, um tema que tem sido profusamente discutido é a questão do antissemitismo, uma das formas de intolerância religiosa que tem estado presente na esfera das relações humanas fundadas em sentimentos e crenças religiosas. Com vistas a compreender como o antissemitismo tem-se disseminado na sociedade, foi realizada uma entrevista em uma comunidade judaica no norte de Mato Grosso.

Para esse empreendimento, utilizou-se a metodologia da História Oral, que é amplamente utilizada pelas Ciências Humanas, e é caracterizada pela coleta de depoimentos com pessoas que testemunharam conjunturas, processos, acontecimentos, modos de ser e de estar dentro de uma sociedade ou instituição. Foi aplicada a pesquisa Bibliográfica e de Campo. O instrumento aplicado foi o questionário com perguntas semiestruturadas. O entrevistado foi o sacerdote e também fundador da comunidade judaica, Genésio Tauffer, e seus recortes de fala estão aqui reproduzidos literalmente.

1. Antissemitismo: panorama histórico e fragmentação da identidade judaica

O Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM – criado em 1998, tem por objetivo avaliar os estudantes de escolas públicas e particulares do Ensino Médio e obter dados que são utilizados pelo governo para definir políticas públicas educacionais, além de servirem de instrumentos para que muitas universidades públicas e privadas utilizem os resultados de suas provas para seus sistemas de seleção. Recentemente, mais precisamente em novembro de 2016, em sua prova de redação apresentou a seguinte proposta: “Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil”, numa clara evidência de que o assunto precisa ser vastamente debatido e de que o desconhecimento acerca de determinadas práticas religiosas tem provocado dolorosas feridas no seio da sociedade contemporânea.

Segundo o renomado Dicionário Houaiss, Conciso, (2011, p.64), antissemitismo é: 1 – aversão aos semitas; 2 – atitude política contrária aos judeus; e, mais adiante, na página 851, encontramos a definição de semita: 1 – grupo étnico e linguístico que compreende os hebreus, fenícios, assírios, aramaicos e árabes; 2 – (membro) desse grupo – etimologia SEM (um dos filhos de Noé).

Ao buscarmos o conceito da palavra, encontramos a definição, porém a origem é preciso buscá-la em um passado mais remoto, que talvez a História nos ajude a encontrar e, principalmente, a entender.

O antissemitismo é um problema que existe há milênios. Por volta do ano 450 antes da Era Comum, quando o primeiro-ministro da Pérsia, Haman, quis justificar seu plano de matar todos os judeus do Império, ele alegou o seguinte: “Existe um povo disperso e espalhado, e suas tradições, suas leis, são diferentes das de qualquer outro povo.” (SOBEL, 2014, p. 89).

Com a ascensão do Cristianismo, desde o declínio do Império Romano, a Igreja Católica teve papel determinante na disseminação desse cenário de discriminação antissemita, quando não admitia o modo de vida dos judeus (eram diferentes e tinham seu próprio credo), justificando que Deus havia condenado os “assassinos de Cristo” a



viverem eternamente rejeitados, banidos, como exemplo do que acontece aos que renegam Jesus.

Assim, os judeus tendo sido responsabilizados pela morte de Cristo, pois, segundo a Igreja difundia, *poderiam tê-lo reconhecido como profeta, messias e Deus, mas se recusaram a fazê-lo, por má vontade*, o que claramente denota uma interpretação simplista, reducionista e não traz uma visão holística da realidade, eram impedidos de trabalhar em profissões respeitáveis e tolerados somente naquelas desprovidas de status, dessa forma, forçados pelos cristãos a saírem dos ramos comerciais e, ainda, foram proibidos de possuírem terras.

As guildas de artesãos, associações de profissionais surgidas na Baixa Idade Média (séculos XIII ao XV), com o propósito de oferecer assistência e segurança aos seus membros, só admitiam cristãos, dessa maneira, o único meio de vida que restou aos judeus era o empréstimo de dinheiro a juros – a usura, como era denominado esse procedimento – atividade proibida aos cristãos pela Igreja. Essa forma de sobrevivência, contudo, enriqueceu os judeus, tornando-os ainda mais malvistos e contribuiu, exponencialmente, para maior segregação. Afirma Sobel:

Por volta de 1200, a Igreja adotou normas oficiais de segregação, criando “ruas de judeus”, ao mesmo tempo em que obrigava os judeus a se identificarem no modo de vestir, por meio do uso de um chapéu pontudo, vermelho ou amarelo, ou então um distintivo amarelo pregado na roupa, que serviu de modelo para os decretos nazistas no século XX. (SOBEL, 2014, p. 90).

Para esse mesmo autor, a manifestação mais chocante e repulsiva de antissemitismo na História da humanidade foi o Holocausto, que levou ao extermínio de 6 milhões de judeus na Europa durante a Segunda Guerra mundial.

Na tentativa de compreender a questão do antissemitismo, também se fez necessário pensar em dois aspectos bastante relevantes: o etnocentrismo e o fundamentalismo religioso, ambos responsáveis pela fragilização e fragmentação da identidade judaica.

O etnocentrismo tem favorecido, em larga escala, o aparecimento de intolerância e preconceitos cultural, religioso, étnico e político. Em um mundo globalizado, por exemplo, prevalece a ideia de que a cultura ocidental (na qual nos localizamos) é superior em alguns critérios, e, conseqüentemente, os povos de cultura “diferente” deveriam, incontestavelmente, assumi-la como sendo sua.

Já o fundamentalismo religioso, por sua vez, traz em seus preceitos uma visão estreita acerca das doutrinas e práticas religiosas, pois não admite entendimentos diversos do pensamento fundamentalista, tido como único, infalível e absoluto. Para Bauman:

Certas variedades de igrejas fundamentalistas são particularmente atraentes para a parcela destituída e empobrecida da população, aqueles que são privados da dignidade humana e humilhados [...]. Essas congregações prometem defender a sua fé contra as “identidades” vigentes, estereotipantes e estigmatizantes impostas pelas forças que governam o “mundo lá fora” inóspito e hostil [...] (BAUMAN, 2004, p. 93).

Alinha-se, ao discurso de Bauman, a perspectiva de Clemildo Anacleto da Silva, quando ressalta que:

O discurso religioso cristão, principalmente dos grupos que não estão engajados no diálogo religioso, continua fazendo uso das teses bíblicas que colocam o cristianismo como religião exclusiva demonizando todas as outras. [...] A visão de que um povo foi chamado por Deus para espalhar a verdade para todos os demais povos traz consigo a concepção de um privilégio divino e um ar de prepotência. Esse quadro cria, inevitavelmente, uma situação de discriminação, preconceito e intolerância religiosa. (SILVA, 2007, p. 13 e 14).

Todos esses fatos e questões reforçaram, através da História, a estereotipia do povo judeu, que teve a sua identidade constituída e marcada pelas figuras do mal e da desgraça. No entanto, nas relações humanas, a alteridade é pressuposto essencial que nos permite perceber que todo ser humano é, sobretudo, um ser social, que interage e interdepende do outro, e, nesse sentido, temos que, os judeus são diferentes por terem referenciais religiosos e culturais que transcendem às sociedades locais e nacionais, mas não devem ser julgados e odiados por um crime que, definitivamente, não cometeram.



Para tanto, afirma Tomazi:

Ter uma visão de mundo, avaliar determinado assunto sob certa ótica, nascer e conviver em uma classe social, pertencer a uma etnia, ser homem ou mulher, são algumas das condições que nos levam a pensar na diversidade humana, cultural e ideológica, e, conseqüentemente, na alteridade, isto é, no outro ser humano, que é igual a cada um de nós e, ao mesmo tempo, diferente. (TOMAZI, 2010, p. 174).

A História, por sua vez, nos mostra inúmeras catástrofes ocasionadas pelo ódio, pela discriminação e preconceito. Portanto, o desafio de conviver em harmonia, investindo no fortalecimento de vínculos com o outro, com tolerância para promover o diálogo, deve ser também analisada por educadores que assistem às novas gerações.

2. Barreira a ser transposta: relato de um judeu no norte de Mato Grosso

O presente trabalho analisa a questão do antissemitismo na comunidade judaica iniciada em Colíder- MT e, hoje, pertencente ao município de Nova Canaã do Norte-MT. Sendo assim, o estudo apresenta o resultado da entrevista de Genésio Tauffer, acerca do surgimento da comunidade no município, sua religião, modo de viver e de que forma o antissemitismo atinge os integrantes da comunidade. Será apresentado, a seguir, um breve histórico dos municípios que sediaram e sediam essa comunidade, bem como a entrevista do rabino, apresentando-se fatos que caracterizam o antissemitismo.

3.1 Colíder e Nova Canaã do Norte: breve contextualização

3.1.1 Colíder

Colíder localiza-se a 650 km ao norte de Cuiabá e teve como primeiros habitantes os povos indígenas da nação Kayabi. O surgimento da cidade acontece no contexto desenvolvimentista ocorrido principalmente a partir da década de 1970, devido aos incentivos fiscais e projetos do governo federal em conjunto com os estaduais, com o intuito de povoar a região amazônica e fomentar a expansão dos interiores brasileiros.

A criação oficial do patrimônio então chamado de Cafezal deu-se em 07 de maio



de 1973. Em 1974, quase toda a Gleba Cafezal já havia sido ocupada. O povoado cresceu, passando a denominar-se Colíder, nome resultante da utilização das iniciais das palavras Colonizadora Líder (Co+líder), empresa privada responsável pela colonização da cidade.

A partir dessa política de expansão, ocupação e povoamento, o fluxo migratório intensificou-se e levou, para Colíder, mais migrantes oriundos de Maringá- PR e também da região sul-paranaense, principalmente a partir da década de 1990.

De acordo com o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, Colíder possuía 30.766 habitantes. E sua economia está baseada na agropecuária e agroindústrias da cadeia pecuária, tais como, frigorífico, curtume, laticínios, entre outros.

Novas construções, comerciais e industriais, assim como a implantação de hidrelétricas e a edificação de empresas de outros segmentos têm contribuído para um processo migratório ainda maior.

Dessa forma, diferentes culturas propiciaram à hibridização de pessoas, costumes e regionalidades. Em meio a essa cultura heterogênea está uma comunidade judaica (Cristológica de Israel) existente há 22 anos, que aprendeu a superar os obstáculos do preconceito para efetivar a sua permanência e o fortalecimento de sua identidade.

3.1.2 Nova Canaã do Norte

Em 1972, por ocasião da integração da BR-163, pelo 9º BEC - Batalhão de Engenharia e Construção, iniciou-se o processo de abertura de um novo lugar denominado então de Gleba Nova Era, empreendido pela Imobiliária e Colonizadora Líder, cujo sócio principal, Raimundo Costa Filho, foi fundador da cidade de Colíder, distante cerca de 50 km de Nova Canaã do Norte.

As primeiras movimentações com fins de colonização em Nova Canaã do Norte

deram-se a partir de 1976. A empresa colonizadora promoveu o loteamento dos terrenos nas áreas rural e urbana, porém, não obteve sucesso na administração da Gleba e a administração foi então passada ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em 1982.

Em meados da década de 1980 foi encontrado ouro na região, o que propiciou um intenso processo migratório para a cidade. Assim, a lei estadual número 4.997, de 13 de maio de 1986, criou o município de Nova Canaã do Norte.

Sua economia está baseada na pecuária bovina. Há indústrias de beneficiamento de leite *in natura* e frigorífico para abate de parte da produção de bovinos. Na agricultura, principalmente de subsistência, destacam-se as culturas de arroz, milho, feijão, algodão e café. Mais recentemente, introduziram as monoculturas de arroz e soja.

3. A entrevista do sacerdote da Comunidade Judaica Cristológica de Israel

Genésio Tauffer tem 57 anos, é analfabeto, pecuarista e morou no Paraguai, no Paraná e, posteriormente, mudou-se para o Mato Grosso. É judeu por parte de mãe. Nesse contexto, vale ressaltar que, conforme Wieviorka,

Alguém é judeu quando sua mãe é judia. No entanto, é possível se converter ao judaísmo, se tornar judeu, mesmo que seja um percurso difícil. [...] o filho de pai judeu e de mãe que não é judia não é judeu [...] princípio que condiciona direitos e o acesso pleno e total à cidadania. (WIEVIORKA, 2014, p. 85).

Tauffer segue essa religião desde os 12 anos de idade, quando entendeu a escritura sagrada, “desde que entendi, né, a escritura sagrada, o livro sagrado do povo judeu, começando então por em prática assim como todo judeu tem obrigação estar diante da lei do seu Deus”. (GENÉSIO TAUFFER, 2016).

Para o senhor Genésio, o princípio básico do judaísmo é a “obediência sem interrogação do Eterno”, ou seja



[...] o princípio máximo é a guarda da sua lei. A lei que o Eterno deu à casa de Israel para que todos vivessem por Ele, por aquela lei que Ele determinou no Sinai, até o final nós temos que obedecer sem nenhum tipo de interrogação, devemos é obedecer porque a lei foi feita para obedecer e não para discutir. (GENÉSIO TAUFFER, 2016).

Com essa fé, o sacerdote vive em uma comunidade afastada da sociedade local, estabelecida no assentamento Veraneio, na divisa de Colíder-MT com o município de Nova Canaã do Norte-MT, “A comunidade, a sede era Colíder, agora está na Veraneio em Canaã. Em Canaã existe há 15 anos. Antes era em Colíder, na chácara, durante 7 anos, totalizando 22 anos de comunidade judaica”, com 31 integrantes. (GENÉSIO TAUFFER, 2016).

O nascimento da comunidade judaica iniciou em Guaíra- PR, quando Genésio teve contato com suas raízes e fundou a sua própria comunidade que, apesar das dificuldades na aquisição da documentação necessária e na aceitação por parte da população, é hoje reconhecida legalmente no país. O isolamento da comunidade deve-se, como relata o entrevistado, à História de dois mil anos de diáspora do povo judeu, segregado pela sociedade em todos os países, levando-os a unirem-se na fé religiosa e fechando-se em comunidades.

Conforme ressalta Wieviorka, esse ostracismo gerou uma visão negativa acerca dos judeus, pelos antissemitas, pois estes acreditavam que:

[...] quanto mais os judeus se assimilam e se fundem em uma sociedade mais aqueles que os detestam os acusam de se esconder, de avançar mascarados: eles enxergam aí uma astúcia suplementar e o sinal de que a artimanha e a mentira fazem parte da identidade judaica. Para eles o fato de que os judeus se tornam invisíveis é apenas uma prova a mais de seu caráter diabólico. E, uma vez que sua diferença não é vista em termos culturais, somente em termos religiosos, os antissemitas dirão que ela está inscrita em sua natureza, que ela constitui uma essência de sua “raça”. (WIEVIORKA, 2014, p. 47 e 48).

O sacerdote esclarece, ainda, que a comunidade é fechada para seu povo, em consonância com seu modo de viver, com as festas milenares, alimentação e

vestimentas, pois as pessoas “ignoram esse modo de vida baseado em preceitos de 4 mil anos atrás”, mas é aberta a quem queira conhecê-la, pesquisá-la e aos “abertos” para essa cultura milenar.

Narra que a família judaica é livre, no entanto, essa liberdade deve se restringir às leis divinas que devem ser observadas, as quais possuem regras que as famílias devem ensinar aos filhos a também segui-las. O momento mais sagrado para a comunidade é o estudo do livro sagrado “Torá”, ditado por Deus e não pelo homem, “O livro sagrado ele não foi o homem que escreveu. O homem simplesmente ele rabiscou as linhas porque quem ditou foi o pai eterno Deus de Israel”. (GENÉSIO TAUFFER, 2016).

Em sua comunidade, nas “rezas” (início e término), nos hinos e nas danças, a língua utilizada é o hebraico; nas demais cerimônias e no cotidiano utiliza-se o português, “nós não sabemos falar hebraico por inteiro, nós oramos em hebraico [...] da forma como o judeu se expressa. Nós cantamos em hebraico e usamos só na questão das rezas”. Possuem uma sinagoga simples e outra, em construção, que já está registrada e será aberta para visitação.

Quando questionado sobre o preconceito vivido, diz acreditar que a falta de conhecimento leva ao antissemitismo. Dessa forma, é importante entender que o termo antissemitismo apareceu em meados do século XIX, na França e na Alemanha, e logo depois expandiu-se por toda a Europa devido ao confinamento das minorias judaicas em guetos, o que levou à cristalização da cultura e religião judaica. Wiewiorka (2014, p. 21) assevera que a expressão antissemitismo “trata-se do ódio de um grupo por uma raça, os judeus”, ou seja, a oposição entre “arianos” e “semitas”.

O ódio aos judeus não é apenas uma opinião, é o fundamento de práticas de exclusão, de discriminação, de segregação e de violência. Antes mesmo que se possa falar de antissemitismo propriamente dito, ele assume formas criminais. (WIEVIORKA, 2014, p. 36).

Genésio reporta também que pessoas ignorantes (no sentido mais primitivo da palavra) os acusam de assassinos, debocham de suas vestimentas e de seu modo de

viver.

Recentemente, né, éee... chegando num certo lugar em Colíder mesmo, Colíder aqui iiiii... quando nós estávamos com nosso quipá nas nossas cabeças, éeee... nossas mulheres com o lenço sobre a cabeça, eles realmente olhava pra nós de lado e comentava e sorria, colocava a mão sobre a boca e sorria, éeee... tirando, gozando do nosso vestuário, do nosso modo de se comportar ali, mas isso não ofende Nós entendemos, né, por eles não ter conhecimento, por ser pessoas que não têm um elevado nível cultural, éee... muitos deles quando falam em Israel, eles nem sabe que é uma nação, um povo, eles acham que é um mito gravado nas escrituras [...]. As pessoas que têm elevada cultura não fazem diferença de nós. (GENÉSIO TAUFFER, 2016).

Genésio e sua família ainda relataram que certa vez, por ocasião das eleições para o pleito municipal, tiveram conhecimento de que um candidato a vereador tinha a intenção de visitar a comunidade com o intuito de apresentar-se e conseguir seu apoio, no entanto, um outro candidato tentou demovê-lo da ideia, alegando que ele era “louco” e que aquela comunidade precisava ser extinta.

Outro episódio bastante deprimente enfrentado pela família, e descrito com perplexidade, teria ocorrido em uma festa à qual havia sido convidada a participar. A família fora alvo de um senhor que dissera que Hitler não havia terminado o que começara, ou seja, o extermínio dos judeus, em referência a um dos períodos mais negros e degradantes de nossa História, o Holocausto.

São esses motivos que fazem com que a comunidade se mantenha afastada, e seus moradores sintam-se mais seguros ao permanecerem “fechados” ao mundo, no intuito de não mais sofrerem manifestações antissemitas.

Através de nosso olhar reflexivo, percebemos pela entrevista que embora o mundo tenha se modernizado e evoluído em diversos aspectos, as pessoas mantêm os mesmos pensamentos e atitudes preconceituosas em relação à diferença. Julgamentos acerca do credo religioso, das convicções religiosas, da cor da pele, continuam a existir. Segundo Henry I. Sobel:

É uma cegueira do espírito, é um câncer da alma, é um pecado contra Deus que criou as pessoas cada uma diferente da outra, sim, mas todas iguais em valor. Nada é mais feio e triste do que os frutos dos preconceitos: dominação, injustiça, discriminação, desprezo e violência. Preconceitos são venenos do espírito, fatais para a democracia, que é um regime baseado na liberdade e na igualdade e, portanto, no pleno respeito aos direitos humanos. Em função de preconceitos, pessoas são excluídas, humilhadas e prejudicadas. (SOBEL, 2014, p.88).

Mesmo que o antissemitismo seja passível de punição, de acordo leis vigentes, ainda há hostilização e intolerância contra os judeus e ações devem ser reforçadas, pois, como nos alerta Wiewiorka, o antissemitismo não é um assunto só de judeus, que são objeto de graves violências e de injustiças maciças; a História nos mostra que outros seres humanos são suscetíveis a sê-lo, como os ciganos, os deficientes, os homossexuais e os negros, para citar alguns. Dessa forma, o antissemitismo diz respeito a todos.

Uma sociedade que trata à parte um grupo humano, que tolera o desprezo contra ele, o ódio, práticas de discriminação, de segregação, de violências, é uma sociedade doente, uma sociedade injusta, não democrática, que se afasta dos valores humanistas que ela deveria pretender, além disso, respeitar ou promover. (WIEVIORKA, 2014, p. 118).

4. Metodologia da pesquisa

Para a realização desse estudo nos respaldamos nas pesquisas Bibliográfica e de Campo. Para Lakatos (2003, p. 186), “elas fornecem conhecimento do assunto, o estado atual em que se encontra o tema em questão e permite estabelecer um modelo teórico inicial de referência”. Foi utilizada, também, a metodologia da História Oral que, segundo Bom Meihy:

[...] é mais de que arquivo de gravações. Implica a elaboração de um documento que pode ser, num primeiro momento a transcrição do testemunho e, em outra etapa, a sua análise. O primeiro estágio implica objetividade, o segundo admite gravações dependendo mais de quem interpreta. (BOM MEIHY, 1994, p.53).

Serviu-nos de instrumento para a coleta das informações, a entrevista, que, de acordo com Lakatos (2003, p. 195), “é um procedimento utilizado na investigação

social, para coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”. As perguntas foram semiestruturadas, ou seja, algumas questões foram pré-determinadas e as demais desenvolvidas de acordo com a situação. Dentre as determinadas, foram questionados, nome, idade, profissão, tempo de vivência na região, início da comunidade judaica no município e situações de antissemitismo.

Considerações finais: a desconstrução do antissemitismo

Após estudos, reflexão e análise, constatamos que a modernidade contribuiu para conquistas e avanços tecnológicos, no entanto, as relações humanas não têm evoluído, simetricamente, e a própria contemporaneidade tem contribuído para a propagação negativa de desrespeito, intolerância religiosa e fragmentação de identidades.

A História revela que o antissemitismo existe há anos e muitas instituições contribuíram para que a discriminação em relação aos judeus acontecesse, acusando-os e condenando-os pelo deicídio de Jesus Cristo (o que a própria Igreja Católica, tardiamente, reconheceu ser uma inverdade, no Segundo Concílio do Vaticano, em 1965), banindo todos que eram considerados judeus, impedindo-os de evoluírem como profissionais e exercerem suas ocupações, fatos esses que os conduziram a massacres bárbaros, tais como o Holocausto.

Na contemporaneidade, percebemos que significativas mudanças ocorreram em relação ao antissemitismo e que a sociedade se manifesta mais expressivamente para diminuir a intolerância religiosa. Tentativas de mobilização e sensibilização são feitas, como no caso do Enem de 2016, que trouxe a proposta “Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil”, visando discutir o tema e trazer conhecimento à sociedade. Nesse mesmo sentido, afirma Clemildo Anacleto da Silva:

Um dos grandes desafios para a convivência social é encontrar maneiras de diálogo com o diferente. Por muito tempo se procurou encontrar o que os grupos têm em comum. No entanto, descobriu-se que além de ter algo em comum, se faz necessário que a convivência se dê também pela diferença. É necessário aceitar o diferente, aprender

sobre o convívio e o respeito. Portanto, mais do que procurar o que há em comum, deve-se incentivar a conhecer o outro e entender que é possível conviver no mesmo espaço com o diferente, com o outro. (SILVA, 2007, p. 13).

Há que ressaltar, contudo, que o antissemitismo ainda está impiedosamente arraigado em nossa sociedade, conforme pôde ser averiguado nas falas de nosso entrevistado, nas quais seu constrangimento diante das manifestações antissemitas (zombaria pelas vestimentas, comentários cruéis fomentando o extermínio do povo judeu e indiferença) fica nítido e reitera que o antissemitismo é prática recorrente, pois muitas pessoas ainda não são tolerantes no que diz respeito à diversidade, o que desencadeia um sentimento perigoso, *o ódio*, causador de violência, exclusão, discriminação e morte.

Nesse contexto, Wieviorka (2014, p. 117) ressalta que, “o antissemitismo não foram os judeus que o inventaram, ou que o fazem funcionar, e sim aqueles que querem discriminá-los, expulsá-los, destruí-los, que os odeiam por razões que não têm a ver, ou tem bem pouco a ver, com sua realidade”.

Se os seres humanos, como sabemos, apenas se completam através da sociointeração, se faz mister compreender que, quando se trata de convivência e relações sociais, não há que se falar em superioridade ou inferioridade, pois somos diferentes apenas na aparência, na essência, somos iguais, todos temos valor e fazemos parte de “uma grande família que se chama humanidade”. (SOBEL, 2014, p. 88).

Nessa mesma esteira, Clemildo Anacleto da Silva complementa:

A sociedade antiga e atual coloca como sendo o normal a necessidade de combater o outro e não a necessidade de ser solidário. Como ser solidário com o outro mesmo que ele seja diferente de mim? Não deve ser pré-requisito para a tolerância, a exigência de se ter a mesma experiência religiosa. (SILVA, 2007, p. 13).

A racionalidade, nesse sentido, pode orientar a sociedade a ter clareza de o antissemitismo não é assunto somente de judeus, uma vez que essas práticas discriminatórias funcionam como “efeito dominó”, pois, discriminação gera



discriminação, e “*os diferentes*” serão sempre aliados da sociedade levando-a ao caos. Sentimentos de amor ao próximo, sensibilidade e a busca pela evolução humana e espiritual devem estar presentes em todo comportamento humano, religioso ou não; trata-se do que é elementar para a construção de laços sociais e para evitar condutas irracionais e destrutivas para a humanidade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Os novos rumos da história oral**: o caso brasileiro. *Revista de História da USP*. v. 2, p.191-203, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19041>> Acesso em 20 de jan. 2017.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. São Paulo. *Atlas S/A*. 2003. Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india Acesso: 21 de dez. de 2016.

SILVA, Clemildo Anacleto da; RIBEIRO, Mario Bueno. **Intolerância religiosa e direitos humanos**: mapeamentos de intolerância. Porto Alegre: Sulina: 2007.

SOBEL, Henry Isaac. A raiz da intolerância. In: PINSKY, Jaime (org.). **12 faces do preconceito**. 11. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o ensino médio**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

WIEVIORKA, Michel. **Antissemitismo explicado aos jovens**. Tradução Joel Ghivelder. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

Recebido Para Publicação em 02 de abril de 2017.

Aprovado Para Publicação em 30 de maio de 2017.